



Na Mesa de Newark: comida e constituição da identidade judaico-americana na ficção de Philip Roth

The Newark Table: Food and the Forming of Jewish-American Identity in the Fiction of Philip Roth

Isadora Sinay*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

isadora.sinay@gmail.com

Resumo: Philip Roth é considerado um dos maiores escritores da literatura norte-americana e sua obra traz como tema recorrente os entroncamentos entre identidade judaica e os Estados Unidos. Um dos elementos que demonstram essas conexões é a relação dos judeus-americanos com a comida e o ritual de refeições. Essas cenas aparecem em diversas obras de Roth e servem para que o autor explore as diversas camadas de hibridismo que formam a identidade judaica nos Estados Unidos e Israel. Esse artigo faz um levantamento e análise dessas imagens e como elas se articulam e desenvolvem ao longo da carreira do autor.

Palavras chaves: Philip Roth. Literatura Judaica. Literatura Americana.

Abstract: Philip Roth is considered one of the most important writers in North American literature and his work has as a recurring theme the crossroads between Jewish identity and the United States. One element that symbolizes these connections is the relationship between American Jews and their food the ritual of meals. These scenes appear in many of Roth's books and allow the author to explore the many layers of hybridism that form Jewish identity in the United States and Israel. This paper analyzes these images and how they articulate themselves and develop throughout the author's career.

Keywords: Philip Roth. Jewish Literature. American Literature.

Introdução

Philip Roth nasceu em Newark, Nova Jérsei, em 1933. Filho de pais norte-americanos e neto de imigrantes judeus do Império Russo, ele descreve em sua autobiografia uma infância tipicamente norte-americana, mas marcada o tempo todo por uma consciência da identidade judaica da família e da forma como isso determinava seu lugar dentro do mapa social do país.¹ Esse entroncamento entre ser americano e ser judeu tornou-se um dos principais temas de Roth quando, em 1959, ele estreou na carreira literária com a coletânea *Adeus, Columbus e outras histórias*. O que exatamente

* Doutora em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo.

¹ ROTH, 2016, p. 30.



é ser um norte-americano? E o que é ser um judeu? são essas em torno das quais Roth constrói essas histórias.

Em um capítulo a respeito da identidade étnica na ficção do autor, Timothy Parrish afirma que Roth, ao se descrever certa vez como um “americano que escreve sobre judeus”, capturou de forma precisa a mistura complicada de marcadores culturais que formam sua obra.² Um ateu convicto e expresso, ele nunca encontrou na prática religiosa a âncora de sua identidade e criou uma série de personagens que, como ele, não veem na prática religiosa a experiência definidora de sua judaicidade, mas seja por apego genuíno, seja por um sentimento que quase se assemelha a uma assombração, não conseguem se livrar dela. Se não a religião, quais são então esses “marcadores” culturais citados por Parrish? Quais são os elementos que esses personagens, tão obcecados com uma teoria da própria constituição identitária,³ examinam para determinarem quem são?

Escrevendo a respeito da importância da comida e da crítica culinária para o estabelecimento de uma identidade judaico-americana, Carol Harris-Shapiro considera três pilares fundamentais dessa relação: o primeiro é a importância que a comida sempre possuiu na vida religiosa judaica (as leis da *kashrut*, os *seders* de comemoração de feriado); o segundo é uma conexão com o passado que se dá na manutenção de alimentos vindos do leste europeu, o consumo de certos alimentos como o arenque e o salmão defumado difere da presença da *chalá* numa mesa de *shabbat*, por exemplo, porque eles não possuem um papel na liturgia judaica, mas ganham importância histórica ao conectar o imigrante ao seu lugar de origem, permitindo a manutenção de uma linhagem identitária; e, por último, a comida funciona como um lugar fronteiriço onde a identidade trazida da Europa e a nova identidade americana se conjugam: os alimentos trazidos do leste europeu ganham uma nova versão – o bagel com *cream cheese* e *lox*, por exemplo – ou novos hábitos alimentares se tornam um significador cultural. O hábito dos judeus americanos de comerem comida chinesa no Natal permite a eles ao mesmo tempo manter sua distinção cultural e religiosa – ao não comemorarem o Natal da mesma maneira que os norte-americanos cristãos – e sua americanidade – ao frequentarem restaurantes de outro grupo migratório.⁴ Importantes historiadores da comunidade judaica americana, como Hasia Diner também traçaram a história do relacionamento entre judeus americanos, sua identidade e suas comidas.⁵

² PARRISH, 2007, p. 127.

³ PARRISH, 2007.

⁴ HARRIS SHAPIRO, 2006, p. 69.

⁵ DINER, 2017.



Dessa forma, em um escritor tão interessado no que constitui um judeu e quais são os critérios de formação de uma identidade judaica contemporânea e secular nos Estados Unidos quanto Roth a comida, naturalmente, possui um lugar de destaque e se intersecciona várias vezes com essas investigações da identidade promovidas pelo autor.

1 *Adeus, Columbus* – classe, comida e assimilação

Roth articula essa ideia já em suas primeiras narrativas: *Adeus, Columbus*, conto que dá nome ao seu livro de estreia narra o romance entre Neil Klugman, um jovem judeu de classe trabalhadora, e Brenda Patimkin, a filha de uma família judia rica e muito mais assimilada. Boa parte do conflito do conto ocorre por conta da estranheza que Neil sente na casa de Brenda: embora sua família seja judia, todos os códigos comportamentais e culturais são estranhos a Neil e o remetem muito mais às figuras de autoridade não judias de sua vida do que ao seu ambiente familiar, o que causa ao protagonista um sentimento crescente de inadequação e lhe informa que continuar o romance com Brenda, eventualmente se casando com ela e assumindo o negócio da família, iria exigir dele um abandono de suas marcas identitárias, tanto étnicas quanto de classe. Victoria Aarons identifica que na ficção mais tardia de Roth a identidade judaica se torna mais flexível e mutável, mas que nos primeiros contos ela se apresenta como algo em contradição com a ascensão econômica e social e o processo de “se tornar americano” vem acompanhado de um sentimento marcado de perda.⁶

Roth utiliza muitos marcadores para construir as diferenças entre Neil e Brenda, mas dois se destacam: a localização – Neil vive em um apartamento no centro de Newark, enquanto Brenda habita uma espaçosa casa nos subúrbios – e os hábitos alimentares das duas famílias. Já na primeira cena do conto, Neil tenta telefonar para Brenda, que está jantando no clube, enquanto ele está sendo submetido ao complicado, ritualístico e cheio de ansiedade processo do jantar na casa dos Klugman: cada um dos quatro habitantes da casa janta em um horário e come algo diferente, não há nenhuma explicação racional para isso, exceto que, nas palavras de Neil, “tia Gladys é louca”.⁷ Além disso, ela governa a alimentação do sobrinho com uma proximidade quase sufocante. Roth escreve:

Diante do fogão, fez um pratarraz com carne assada, molho, batata cozida, ervilha e cenoura. Pôs o prato à minha frente; eu sentia no rosto o calor da comida. Então cortou duas fatias de pão de centeio e as colocou a meu lado, sobre a mesa.

⁶ AARONS, 2007, p. 10.

⁷ ROTH, 2006, p. 8.



Com o garfo, cortei ao meio uma batata e comi-a, enquanto tia Gladys, sentada do outro lado da mesa, me observava. “Você não quer pão”, disse. “Eu não tinha nada que cortar, agora vai perder.”

“Eu quero pão, sim”, respondi.

“Você não gosta desse com sementes, não é?”

Rasguei ao meio uma fatia de pão e comi.

“Como é que está a carne?”, ela perguntou.

“Boa. Ótima.”

“Você vai se encher de batata e pão, aí vai sobrar carne e eu vou ter que jogar fora.”

De repente, levantou-se da cadeira num salto. “Sal!” Quando voltou à mesa, pôs à minha frente um saleiro — na casa dela não se servia pimenta-do-reino: ela ouvira no programa de Galen Drake que o organismo não absorvia a substância, e para tia Gladys era perturbadora a idéia de que alguma coisa que ela servisse pudesse passar pela goela, o estômago e o intestino só pelo prazer da viagem.

“Quer dizer que você vai catar tudo que é ervilha, é? Se tivesse me falado, eu não comprava, nem a cenoura.”

“Eu adoro cenoura”, afirmei, “adoro.” Como prova, enfiei metade da cenoura na goela e a outra metade joguei em cima da minha calça.”⁸

Ou seja, enquanto Brenda vai jantar no clube, do qual os Klugman não são sócios, supostamente longe da família, Neil é submetido a uma refeição controlada e medida que lhe recorda a proximidade de seus parentes. Mais do que o que está sendo comido, o ritual da refeição e o controle de tia Gladys marcam Brenda como mais próxima dos hábitos dos não judeus e Neil ainda firmemente entrincheirado em seu núcleo étnico.

Em um ensaio de 1961 intitulado “Novos estereótipos judeus”, Roth conta uma anedota de um curso de escrita criativa que deu na Universidade de Iowa: entre seus alunos judeus um padrão de narrativa se repetia no qual um adolescente judeu muito vigiado e cuidado pelos pais é iniciado na vida sexual por um amigo não-judeu, mas quase sempre de outro grupo imigrante, cuja vida é muito menos

⁸ ROTH, 2006. p. 10



supervisionada que a dele.⁹ A ansiedade das famílias judaicas, o excesso de supervisão e seu reflexo nos hábitos alimentares e no controle desses hábitos por parte de mães e tias, é um arranjo cultural que Roth identifica como tipicamente judaico e que aqui, já na primeira cena do conto, marca a diferença fundamental entre Brenda e Neil.

A ansiedade de tia Gladys não é apenas pelo que Neil come, mas há na cena desse jantar um desespero em relação a possibilidade de desperdício. Tudo que talvez tenha sido comprado ou cortado e não vai ser consumido aparece como um erro mortal, um gasto do qual parece que ninguém irá se recuperar.

Essa apresentação da família de Neil ganha importância quando ele encontra a geladeira dos Patimkin e finalmente compreende não só a afluência deles, mas a determinação quase obsessiva de se livrarem desses hábitos judaicos. Roth escreve:

Abri a porta da geladeira velha; não estava vazia. Agora ela não continha mais manteiga, ovos, arenque em molho de creme de leite, gengibirra, salada de atum e, de vez em quando, um buquê — em vez disso, estava cheia de frutas, todas as prateleiras entupidas de frutas, de todas as cores, de todas as texturas, e, escondidos dentro delas, caroços de todos os tipos. Havia ameixas-rainha-cláudia, ameixas-pretas, ameixas-vermelhas, damascos, nectarinas, pêssegos, cachos compridos e afunilados de uvas, pretas, amarelas, vermelhas, e cerejas, cerejas transbordando das caixas, manchando tudo de escarlate. E também melões — melões-cantalupos e melões-almiscarados —, e na prateleira de cima metade de uma imensa melancia, com uma folha fina de papel encerado grudada à sua face vermelha nua, feito um lábio úmido. Ah, Patimkin! Suas geladeiras davam frutas, e artigos esportivos caíam dos galhos de suas árvores!¹⁰

Essa geladeira é tão fundamental porque, primeiro, ela está abarrotada, mas não dos produtos que Neil espera, tipicamente judaicos e duradouros, e sim de frutas. Frutas são, por natureza, extremamente perecíveis e a quantidade enumerada pelo protagonista excede em muito o que poderia ser consumido pela família. A geladeira repleta de frutas se torna símbolo não apenas da assimilação dos Patimkin, mas revela o esforço deliberado empreendido pelo pai nessa direção. Conforme a história avança, o esforço consciente feito por Ronald Patimkin para retirar de sua família qualquer marcador que pudesse denunciar sua origem se torna mais claro, mas o

⁹ ROTH, 2022, p. 70.

¹⁰ ROTH, 2006, p. 57.



primeiro momento de compreensão para Neil é esse, diante da geladeira que desafiava tão escancaradamente seus hábitos judaicos mais arraigados.

2 O Complexo de Portnoy – tudo que entra, tudo que sai

Essa imagem da mãe judia como uma vigilante da mesa de jantar, controlando de perto tudo que entra e sai da geladeira e dos corpos é retomada em *O Complexo de Portnoy*.

O livro, que possui o formato de um longo monólogo que a princípio está acontecendo em uma sessão de análise, explora a ansiedade do protagonista Alexander Portnoy em relação a sua identidade judaica e sua sexualidade. Por fora um exemplar perfeito de “bom menino judeu” – formado em direito nas melhores universidades, um emprego na secretaria de direitos humanos da prefeitura de Nova York – por dentro o personagem é um caldo de ódio a si mesmo, ressentimento em relação a família e uma sexualidade destruidora e desenfreada. Como convém a uma sessão de análise, o primeiro personagem da vida de Portnoy a ser apresentado é sua mãe, Sophie, uma figura “tão profundamente entranhada em minha consciência que, no primeiro ano na escola, eu tinha a impressão de que todas as professoras eram minha mãe disfarçada.”¹¹ É claro que já nesse primeiro parágrafo Sophie aparece trazendo leite e biscoitos para Alex e ele afirma que seu habitat natural era a cozinha, assim como seu domínio o comando de tudo aquilo que era doméstico. Sophie sabe de tudo que entra e sai dos corpos em sua casa porque ela é uma boa mãe e esposa, porque ela cuida e se importa. Portanto, é também lógico que a primeira revolta do personagem contra sua estrutura familiar venha na forma de uma recusa a comer. Roth escreve:

Além disso, às vezes, na hora do jantar, me recuso a comer. Minha irmã, que é quatro anos mais velha do que eu, garante que minhas lembranças correspondem ao que de fato acontecia: eu me recusava a comer e minha mãe não conseguia aceitar tamanho capricho – e tamanha idiotice. Não conseguia, para o meu próprio bem. Ela só está me pedindo para fazer uma coisa para o meu próprio bem – e mesmo assim eu digo não? A ela, que seria capaz de tirar comida de sua própria boca para me dar, será que ainda não percebi isso?

Mas eu não quero a comida que está na sua boca. Não quero nem mesmo a que está no meu prato — aliás, o problema é justo esse.¹²

¹¹ ROTH, 2004, p. 6.

¹² ROTH, 2004, p. 14.



Ao controle opressivo de Sophie se opõe a fragilidade do pai, vítima de uma prisão de ventre tão torturante que domina toda a conversa nas refeições familiares. O cenário da família de Portnoy é uma versão ainda mais exacerbada da cena do jantar na abertura de *Adeus, Columbus* e daquela proximidade e vigilância sufocantes que Roth enxerga nas famílias judaicas, porém, e isso é fundamental na narrativa, o livro foi escrito dez anos depois, quando o lugar social dos judeus nos Estados Unidos estava mudando de forma radical.

Se no momento da escrita de *Adeus, Columbus* a entrada dos judeus em ambientes como os subúrbios e clubes de campo ainda era uma novidade, em 1969 figuras como Alexander Portnoy, formado pelas faculdades de elite, em um emprego governamental, já não eram exceções.

Sander Gilman identifica esse momento como um em que dois estereótipos judaicos coexistiam: o judeu como um estrangeiro vitimizado e como uma minoria bem-sucedida e cosmopolita. Nesse cenário, essas ideias divergentes disputavam tanto o campo da narrativa e da imaginação dos não judeus como o senso de identidade dos judeus, o que se refletiu em uma série de narrativas que pensavam o corpo como um lugar metafórico dessa disputa. Gilman cita *Herzog*, de Saul Bellow como um exemplo e, é claro, *O complexo de Portnoy*.¹³

É fácil ver o corpo como campo de batalha dessa identidade cindida no romance: Portnoy vive entre os estereótipos da época dos pais – a mãe superprotetora, o pai impotente – e os da nova era – as israelenses que ele encontrará mais a frente do romance. Nesse conflito, a obsessão que parece perdurar é aquela com o que entra – a comida – nos corpos judaicos, mas também o que sai delas – as fezes do pai, o esperma de Portnoy que deveria fertilizar uma boa garota judia e produzir os descendentes que sua mãe tanto espera. Mas Portnoy não pode procriar, ele é paralisado pela dúvida e pelo ódio a si mesmo de tal forma que suas amantes são uma lista de *shiksas*, moças não-judias e inferiores a ele em status social e hábitos culturais. A recusa de Portnoy em comer e procriar andam lado a lado nesse romance, uma vez que o que ele gostaria de recusar, em última instância, é sua identidade judaica.

Esses dois elementos se encontram naquela que é talvez a cena mais célebre de toda a literatura de Roth: o momento em que Alexander Portnoy sarrupia o bife de fígado do jantar da família e o usa como objeto masturbatório. Roth escreve:

Aquela... aquele fígado não foi o primeiro. O primeiro, eu o comi na privacidade de minha própria casa, enrolado em meu pau, dentro do banheiro, às três e meia – e depois o comi,

¹³ GILMAN, 2003, p. 170.



espetado no garfo, às cinco e meia, junto com os outros membros da minha pobre e inocente família.¹⁴

A cena, que se repete com um outro bife de fígado que Portnoy viola a caminho da aula de preparação para o *bar-mitzvah*, é uma passagem breve que adquiriu sua fama mais pelo fator escandaloso, mas que ainda assim agrupa de forma bastante sintética os elementos mais importantes da obra: a obsessão de Portnoy com a masturbação e qualquer tipo de sexo menos aquele que poderia leva-lo a paternidade com uma mulher judia; sua alienação de sua própria família; a mesa do jantar como o campo de batalha dessas disputas. A escolha do alimento, um bife de fígado, uma das comidas tradicionais do léxico culinário judaico-americano também não é por acaso em um livro cuja sátira acontece exatamente pela manipulação de uma certa linguagem simbólica freudiana: não é um *steak* que ele viola, mas uma carne tipicamente judaica.

3 *O avesso da vida* – a identidade na mesa de jantar

A ideia da mesa de jantar como lugar de formação e disputa da identidade judaico-americana reaparece em *O avesso da vida*, de 1986. Mais pós-moderno dos romances de Roth, ele possui uma estrutura intrincada em que cada um dos capítulos apresenta uma premissa que contradiz quase completamente o capítulo anterior. A obra é dividida em duas partes, cada uma formada por dois capítulos e separadas por um breve interlúdio chamado “Em curso”. Na primeira parte, Henry Zuckerman, irmão mais velho de Nathan, é diagnosticado com uma doença cardíaca e recebe duas opções: ele pode viver tomando medicamentos para o problema, mas com o efeito adverso de deixá-lo impotente; ou ele pode se submeter a uma cirurgia arriscada que lhe permitiria abandonar os remédios e recuperar a potência sexual. Em ambos os capítulos Henry opta pela cirurgia, mas no primeiro, “Basileia”, ele morre e no segundo, “Judeia”, ele sobrevive. Já na segunda parte do romance é Nathan que recebe o diagnóstico e a escolha e, de forma semelhante, no terceiro capítulo, “Gloucestershire”, ele sobrevive e no último, “Cristandade”, ele morre.

Bonnie Lyons afirma que o romance se organiza em torno da ideia da pastoral, ou seja, da busca dos personagens por um estado idílico em que se sintam em unidade com eles mesmos e plenamente felizes e cada capítulo recebe o título de onde o protagonista daquela seção imagina que será possível encontrar esse ideal.¹⁵ Esse sonho de plena realização e unidade interna quer dizer também uma pacificação da identidade judaica desses personagens, repleta das contradições e fissuras que Roth habitualmente enxerga nos judeus contemporâneos. No início da obra, Nathan e Henry Zuckerman são judeus muito parecidos com o próprio Philip Roth e todos os

¹⁴ ROTH, 2004.

¹⁵ LYONS, 2005, p. 119-127.



seus protagonistas: seculares, americanos e formados por um sentimento de origem que remonta aos bairros judaicos de Newark. No entanto, o avanço da narrativa e o confronto dos personagens com a possibilidade de se refazerem em um ideal faz com que eles às vezes se aproximem e às vezes se distanciem dessa identidade. A busca por uma pastoral, um estado que o próprio Roth definiu como não admitindo contradição e conflito,¹⁶ exige uma pacificação dessa identidade. Para estarem em paz é preciso que os personagens deixem de ser o que Parrish chamou de judeus obcecados com serem judeus.¹⁷

O capítulo em que a relação entre essas questões e a mesa de jantar aparece com mais força é o segundo, “Judeia”, no qual Henry sobrevive à operação, mas se vê deprimido e desmotivado. Na esperança de devolver a ele algum entusiasmo, sua esposa sugere uma viagem a Israel. Lá, ao ouvir crianças cantando no bairro ortodoxo de Jerusalém, Henry passa por um momento de revelação e decide se tornar um judeu ortodoxo e se mudar para uma colônia em Hebron comandada pelo líder nacionalista Mordechai Lippman. Ao receber a notícia, a esposa de Henry telefona desesperada para Nathan e pede que ele vá a Israel tentar resgatar o irmão. O que se segue são uma série de discussões entre Nathan, o racionalista agora casado com uma inglesa não judia e Henry, o recém converso. Em uma delas, Nathan diz:

Acontece que a fonte de suas memórias judaicas é a mesa da cozinha em Newark, Henry. É com isto que fomos criados. Isto é papai, se bem que, desta vez, sem as dúvidas, sem a deferência dissimulada diante do góí e o medo da zombaria dos góis. É papai, mas o papai ideal, tamanho gigante, elevado à centésima potência. Melhor ainda, é a permissão dada por Lippman para não ser muito bonzinho. Deve ser um alívio, depois de todos aqueles anos. Ser um bom filho judeu e não ser bonzinho, ser um valentão e judeu. Ora, isto é ter tudo. Nós não tínhamos judeus assim em nossa vizinhança. Os judeus durões que costumávamos encontrar nos casamentos e bar mitzvahs eram na maioria caras gordos, pequenos comerciantes de verduras industriais, por isso compreendo a atração, mas não estaria exagerando só um bocadinho toda essa agressão justificável?¹⁸

A mesa da cozinha de Newark é, mais do que a sinagoga ou qualquer significativo religioso, a fonte da identidade judaica de Nathan Zuckerman. Uma identidade

¹⁶ ROTH, 2008.

¹⁷ PARRISH, 2007.

¹⁸ ROTH, 2008.



secular, tipicamente americana e diaspórica que o personagem definiu anos antes em mais uma mesa de jantar em Israel.

Além de investigar as várias possibilidades de configuração identitária do judeu americano, Roth nesse romance também traz uma multiplicidade de identidades israelenses: Mordechai Lippman, novo guru de Henry, representa a direita religiosa nacionalista; Shuki Elchanan, amigo próximo de Nathan, é um jornalista liberal e secular de Tel Aviv; E o pai de Shuki traz a voz do tradicional pioneiro sionista. Anos antes de chegar para resgatar Henry, quando era apenas um escritor iniciante, Nathan encontrou Shuki e seu pai para um almoço no qual o Sr. Elchanan argumentou que Zuckerman deveria ficar em Israel, uma vez que apenas ali era possível ser realmente judeu. Ao que Nathan retruca:

Para ser o judeu que eu era, eu disse ao pai de Shuki, que não era nem mais nem menos do que o judeu que eu queria ser, não precisava viver numa nação judaica assim como ele, pelo que eu tinha entendido, também não se sentia obrigado a orar numa sinagoga três vezes ao dia. Minhas paisagens não eram as areias do Neguev, ou as colinas da Galiléia, nem as planícies costeiras da antiga Filistéia; eram os Estados Unidos dos imigrantes, industrializado – Newark, onde tinha me criado, Chicago, onde tinha estudado, e Nova York, onde vivia num porão, numa rua do Lower East Side, entre ucranianos e porto-riquenhos pobres. Meu texto sagrado não era a Bíblia mas sim os romances traduzidos do russo, do alemão e do francês para a língua na qual eu estava começando a escrever e publicar a minha própria ficção – não era a gama semântica do hebreu clássico mas o ritmo sincopado do inglês americano o que me excitava. Eu não era um judeu sobrevivente de um campo de concentração nazista em busca de refúgio seguro e acolhedor, nem era um judeu socialista para quem a fonte primeira da injustiça estava no demônio do capital, ou um nacionalista para quem a coesão era uma necessidade política judaica, nem um judeu crente, um judeu estudioso, ou um judeu xenófobo que não podia suportar a proximidade de góis. Eu era o neto norte-americano de simples comerciantes galicianos que, no final do século passado, tinham sozinhos chegado à mesma conclusão profética de Theodor Herzl – de que não havia futuro para eles na Europa cristã, de que não poderiam continuar sendo o que eram por lá sem incitar à violência forças terríveis contra as quais não possuíam qualquer meio possível de defesa. Mas que em vez de batalhar para salvar o povo judeu da destruição



fundando uma terra natal num canto remoto do Império Otomano que fora, certa feita, a Palestina bíblica, tinham simplesmente procurado salvar suas próprias peles judias. Na medida em que o sionismo significasse tomar para si, ao invés de deixar a cargo de outros, a responsabilidade de sobreviver enquanto judeu, seria este o tipo de sionismo deles. E funcionou. Ao contrário deles, eu não tinha nascido cercado por uma classe agrária e católica debilitada que podia ser incitada ao fervoroso ódio aos judeus por um padre ou proprietário locais; para ser mais exato, a reivindicação de meus avós a um legítimo direito político não se tinha fundado no seio de uma população indígena e hostil, que não possuía qualquer compromisso com os direitos bíblicos judeus e não nutria nenhuma simpatia por aquilo que um Deus judeu tinha dito num livro judeu sobre o que se constitui em território judeu para sempre. A longo prazo eu podia até estar muito mais seguro enquanto judeu na minha pátria do que o sr. Elchanan, Shuki e seus descendentes jamais estariam na sua.¹⁹

4 Operação Shylock – uma deli em Nova York

Essa defesa de uma identidade que remonta à Galícia polonesa e à Europa judaica está no centro de uma das passagens mais poéticas da obra de Roth e aquela na qual a relação entre comida e identidade judaica mais se articula.

A cena acontece no final de *Operação Shylock*, obra em que Roth usa os elementos do romance de espionagem para explorar a relação entre o judeu da diáspora e Israel. O protagonista do livro, um escritor chamado Philip Roth que coincide em todos os detalhes biográficos com o autor, é convocado por um agente do Mossad chamado Smilesburger a realizar uma missão secreta para o país. Na passagem final do livro, Philip se encontra com seu contratante para que esse possa lhe pedir para não publicar um relato do que foi feito. O encontro se dá em uma deli nova-iorquina e Roth escreve:

Smile Burger escolheu como local de nosso encontro editorial uma loja de alimentos judeus na Amsterdam Avenue especializada em peixe defumado, que servia desjejum e almoço numa dúzia de mesas de tampo de fórmica, numa sala vizinha ao balcão de confeitaria, e cuja aparência sugeria que anos antes, quando alguém tivera a ideia brilhante de “modernizar”, a tentativa de redecoração fora abreviada no

¹⁹ ROTH, 2008.



meio do caminho. O lugar me lembrava os humildes aposentos térreos de alguns de meus amigos de infância, cujos pais comiam as refeições às pressas, num quarto de depósito do tamanho de um armário atrás da loja, para manter o olho na caixa registradora e no empregado. Em Newark, na década de 1940, nós comprávamos para os desjejuns especiais no domingo da família sedosas fatias de precioso salmão defumado, reluzentes piabinhas gordas, fatias de carpa branca, carnuda, e marta temperada com páprica, tudo duplamente embrulhado em grosso papel encerado, na loja de uma família logo após a esquina, que tinha uma aparência e um cheiro muito parecidos com os daquela — o chão de tijolos salpicado de serragem, as prateleiras abarrotadas de peixe enlatado em molhos e azeites, acima da registradora uma prodigiosa bisnaga de halvah que logoseria serrada em fatias quebradiças, e, vindo de trás da vitrine que corria por toda a extensão do balcão, a ácida fragrância do vinagre, das cebolas, da savelha e do arenque vermelho, de tudo que é conservado, apimentado, salgado, defumado, encharcado, cozinhado, marinado e seco, cheiros com uma linhagem que, como as próprias prateleiras, mais que provavelmente levavam direto ao gueto medieval, passando pelo shtetl e aos alimentos daqueles que viviam frugalmente e não podiam dar-se ao luxo de jantar à lamode, à dieta de marinheiros e pessoas comuns, para os quais o sabor dos antigos conservantes era a vida. E os restaurantes de delikatessen do bairro onde comíamos extravagantemente “fora”, como um regalo, uma vez por mês, tinham o mesmo tipo de aconchego provisório, aquele ar típico de uma coisa que não fora exatamente transformada do monstrengo que tinha sido no monstrengo que aspirava ser. Nada distraía o olhar, a mente ou o ouvido do que estava no prato. Cozinha para satisfazer as pessoas, comida em ambiente simples, em mesas, claro, e sem ninguém cuspir nos pratos, mas fora isso alimento terreno partilhado num ambiente quase tão sem suntuosidade quanto pode ser o lugar de um banquete, gourmandise em seu maior lugar-comum, o outro extremo do espectro dos estabelecimentos de culinária judaica, dos salões de jantar com confortáveis candelabros no Fountainebleau de Miami Beach. Cevada, ovos, cebola, sopa de repolho, de beterraba, pratos



baratos de todo dia preparados à velha moda e devorados com felicidade, sem muita frescura, em vasilhas de barro.

A essa altura, claro, o que fora outrora o passadio comum das massas judias tornara-se um estimulante para os habitantes do Upper West Side, duas ou três gerações distantes da grande imigração e se virando como profissionais liberais em Manhattan, com salários anuais que, um século atrás, pagariam banquetes diários o ano todo para cada judeu da Galícia. Eu via essa gente – entre eles, às vezes, advogados, jornalistas ou editores que conhecia – deliciando-se, bocado a bocado, com seus *kashavarnishkas* e *gefiltefish* (e grudados, enquanto comiam vorazmente, às páginas de um, dois ou mesmo três jornais diários), nas vezes em que ia de Connecticut a Manhattan e tirava uma hora de folga do que estivesse fazendo para satisfazer meu inextinguível apetite pela salada de arenque picado servido sem cerimônia (aquela era a cerimônia) a uma das mesmíssimas mesas, de “frente para os caminhões, táxis e carros de bombeiro que passavam para o norte, onde Smilesburger sugerira que nos encontrássemos para o desjejum às dez da manhã, a fim de discutir o meu livro.²⁰

Para Timothy Parrish, nessa passagem final Roth condensa passado e presente em um ambiente que surge como um dos muitos lares possíveis para os judeus contemporâneos. A deli se torna um lugar de memória no qual a infância do personagem e a trajetória de seus antepassados confluem com o estado atual dos judeus americanos. Os alimentos servidos ali se tornam símbolo de memória e comunhão, elementos da vivência cotidiana que forma as mitologias pessoais e comunitárias.²¹

Dessa forma, a ficção de Roth retrata cenas em que os alimentos desempenham as três funções identitárias levantadas por Harris-Shapiro ao estabelecerem a linhagem histórica, mas também servirem como repositório de uma cultura que o autor identifica como especificamente judaica-americana. Da deli à ansiedade que cercam as refeições de Neil Klugman e Alexander Portnoy, os alimentos são um lugar de negociação e disputa de identidade. A partir dessas imagens o autor também elabora afirmativamente sua visão da identidade judaica: uma que não precisa se vincular à religião, mas que se ancora histórica e culturalmente. Nesse cenário, a comida e a mesa de jantar se tornam novos templos e liturgias, artefatos do hibridismo celebrado, ao mesmo tempo em diálogo com o entorno e profundamente específicos.

²⁰ ROTH, 2017.

²¹ PARRISH, 1999, p.575.



Referências

- AARONS, Victoria. American-Jewish identity in Roth's short fiction. In: *The Cambridge companion to Philip Roth*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2007, p.8-20.
- DINER, Hasia. *How America Met the Jews*. SBL Press, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/j.ctt1wf4cvj>. Acesso em: 29 mar. 2023.
- GILMAN, Sander L. *Jewish frontiers: essays on bodies, histories, and identities*. 1st New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- HARRIS-SHAPIRO, Carol. Bloody Shankbones and Braided Bread: The Food Voice and the Fashioning of American Jewish Identities. *Food and Foodways*. v. 14, n. 2, 2006, p. 67-90.
- LYONS, Bonnie. En-countering Pastorals in The Counterlife. In: ROYAL, Derek Parker (org.). *Philip Roth: New Perspectives on an American Author*. Westport: Praeger, 2005. p. 119-127.
- PARRISH, Timothy. Roth and Ethnic Identity. In: PARRISH, Timothy (org.). *The Cambridge companion to Philip Roth*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2007, p. 126-140.
- PARRISH, Timothy L. Imagining Jews in Philip Roth's "Operation Shylock". *Contemporary Literature*, v. 40, n. 4, 1999. p. 575.
- ROTH, Philip. *Adeus, columbus e cinco contos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- ROTH, Philip. *O Avesso da Vida*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- ROTH, Philip. *O complexo de Portnoy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ROTH, Philip. *Operação Shylock*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- ROTH, Philip. *Os fatos: a autobiografia de um romancista*. Tradução: Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ROTH, Philip. *Por que escrever? Conversas e ensaios sobre literatura 1960-2013*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Recebido em: 15/01/2023.

Aprovado em: 30/01/2023.